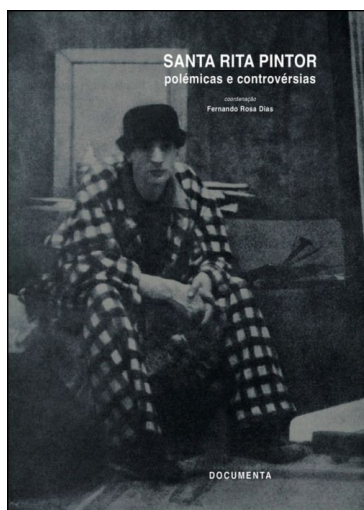


Santa Rita Pintor ou os contextos em expansão do modernismo

[Santa Rita Pintor or the expanding contexts of modernism]

Rui Sousa*

DIAS, Fernando Rosa (2019) (coord.). *Santa Rita Pintor: Polémicas e Controvérsias*. Lisboa: Documenta, 280 pp. [ISBN: 978-989-9006-20-1].



A última década proporcionou uma oportunidade invulgar para o desenvolvimento e consolidação de uma série de investigações em torno do Modernismo português e de algumas das suas mais decisivas personalidades, contribuindo para adensar aquele que já se reconhecia quase consensualmente como o mais decisivo momento da cultura portuguesa no século XX, pelo menos no que às continuidades e à projecção mítica diz respeito. Entre 2012 e 2020, só para que se tenha uma noção abrangente do panorama, poderiam referir-se o centenário da primeira publicação de Fernando Pessoa (*A Águia*) e de um dos emblemáticos livros representativos do Saudosismo, *A Arte de Ser Português* (1912), os centenários dos livros fundamentais de Mário de Sá-Carneiro, *A Confissão de Lúcio* (1914), *Dispersão* (1914) e *Céu em Fogo* (1915), os centenários das grandes revistas associadas ao Modernismo Português, sobretudo *Orpheu* (1915) e *Portugal Futurista* (1917), ou os centenários do falecimento de três pilares do grupo modernista, Sá-Carneiro (1916), Amadeo de Souza-Cardoso e Guilherme de Santa Rita (1918). Este tão denso quadro de comemorações e homenagens teria inevitavelmente de conduzir a uma série de eventos científicos e editoriais de diversas naturezas, aproveitando uma certa tendência nacional para que o investimento na cultura esteja tantas e tantas vezes dependente das agendas passageiras de cada momento e não de uma perspectiva efectiva e de conjunto. Aguardam-se para os próximos tempos outros momentos comemorativos, em torno de datas redondas como o centenário da morte de Ângelo de Lima (2021), e dos centenários das publicações das duas derradeiras revistas dirigidas por elementos vindos do *Orpheu*, *Contemporânea* (2022) e *Athena* (2024).

O livro *Santa Rita Pintor. Polémicas e Controvérsias* (2019), coordenado por Fernando Rosa Dias e publicado na importante chancela “Documenta”, é um dos exemplos mais interessantes e originais deste panorama reflexivo e editorial,

* Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

prolongando algumas incursões recentes no estudo da personalidade da figura e da obra de Santa Rita, até há poucos anos reduzido às considerações de José-Augusto França, em *Arte em Portugal no Século XX* (1979) e de Joaquim Matos Chaves, no volume *Santa Rita: Vida e Obra* (1989). Coincidindo com este período grávido de efemérides, os contributos académicos de Marta Soares (*Amadeo e Orpheu: Para o desenvolvimento das relações entre Amadeo de Souza-Cardoso e a revista Orpheu*, 2014) e de Filomena Serra (“‘Il n’y a pas de hors-texte’ Guilherme de Santa-Rita, Um artista sem obra?”, 2015) trouxeram novas perspectivas ao estudo da obra daquele que será provavelmente o mais ambigualmente lembrado dos nomes maiores do *Orpheu*, com aproximações apenas num caso como o de Raul Leal, embora por motivos opostos: no caso de Santa Rita, a inquietação deve-se sobretudo à tão proclamada ausência de obra concreta e à aparente repercussão da vida excêntrica e problemática nesse apagamento parcialmente voluntário de peças representativas do seu talento e fulgor criativo; no caso de Raul Leal, a produção densa, em grande parte escrita em francês, difícil de coligar e de editar, acentuou a tonalidade lendária do seu percurso igualmente exótico e voltado para a dimensão da existência humana que Georges Bataille designou como *parte maldita*.

Ainda hoje um e outro são lembrados pela coragem das suas considerações e pelo extremismo agressivo e quase sempre solitário com que se confrontaram com a sociedade portuguesa da época, muito mais do que pelos resultados artísticos concretos que legaram e cuja valorização depende não exactamente dos objectos em si mas sobretudo do modo como se enquadram no panorama global das vanguardas históricas do século XX e como exprimem exemplos invulgares de diálogo com os discursos mais relevantes do seu tempo e de síntese original desses vestígios, esta de resto uma característica comum, ainda por explorar devidamente, a muito do que de mais relevante caracteriza os movimentos modernista e surrealista português. Esta menção ao Surrealismo e a uma das manifestações portuguesas da criação de autores a ele associados, a vertente abjeccionista, não é de todo irrelevante na abordagem a estes dois extremos da marginalidade do momento de *Orpheu*, como se percebe pela leitura do conjunto heterogéneo de textos que compõem o livro *Santa Rita Pintor. Polémicas e Controvérsias*. Na sua atitude face à vida e aos rigores da sociedade vigente, na sua percepção da necessidade de uma ética e de uma estética totais, capazes de imiscuir a vida e a obra num único fluxo de experiências, no efeito paródico que acompanha as suas composições, no próprio gesto de conjugação entre correntes estéticas, o caso de Santa Rita Pintor é certamente um dos que mais antecipam e enquadram o devir surrealista português, dando expressão a uma proposta de Fernando Cabral Martins que me parece adequada: a de que o Abjeccionismo deverá antes de mais ser percebido como um *ethos* comum a muito do que de mais radical se propôs em pleno ambiente modernista e surrealista.

O livro *Santa Rita Pintor. Polémicas e Controvérsias*, resultado editorial de um encontro científico composto por conferências, debates e por uma exposição artística

e documental, decorrido na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, nos dias 3 e 4 de Maio de 2018, é uma notável e multifacetada experiência de acesso ao universo singular de Guilherme de Santa Rita e a muitos acontecimentos relevantes e nem sempre lembrados da época de *Orpheu*. Trata-se de uma abrangente viagem a aspectos essenciais de uma época de fulgor inesperado para a realidade portuguesa da época, relacionada quer com os mais emblemáticos picos de intervenção e controvérsia subsequentes ao momento em que *Orpheu* deixou de ser concretizável economicamente, como a *I Conferência Futurista* no Teatro da República (14 de Abril de 1917) e o número único de *Portugal Futurista*, no final de 1917, quer com um conjunto de personalidades até há pouco quase esquecidas e que merecem ser recuperadas para o panorama do Modernismo português, como Carlos Porfírio, Ruy Coelho, Manoel Jardim ou Rebelo de Bettencourt.

A obra constitui-se por cinco partes diferentes e complementares, cada uma das quais contribui para o aprofundamento de aspectos da vida e da obra de Santa Rita Pintor que o elevam a um dos nomes cimeiros de todo o momento de *Orpheu*, como Almada Negreiros procurou sublinhar nos textos de memória publicados em efemérides da publicação da revista de 1915 em que primeiro coincidiram todos estes poetas e pintores. Pese embora alguma repetição dos enquadramentos biográficos e de algumas análises a obras e a episódios fulcrais na construção de uma carreira e de uma lenda, que se terá compreendido melhor no quadro das conferências e dos debates públicos, mas que numa edição dos textos poderia ter sido parcialmente evitada, a leitura do livro é extremamente agradável e fluída, aproximando-nos do quotidiano do homenageado e dando conta de muitos dos mais assinaláveis desenvolvimentos da investigação dedicada a um mais abrangente conhecimento e recuperação das obras sobreviventes à morte física de Santa Rita Pintor e da sua inscrição no panorama geral do Modernismo português e no embate directo com as grandes revoluções artísticas dos grandes centros culturais europeus, desde logo a capital francesa. Todos os ensaios beneficiam de uma rica e diversificada informação iconográfica, dando acesso a reproduções de peças raras e de grande importância, como as obras de Santa Rita ou uma série de cartas da sua autoria e da autoria de figuras relevantes no seu percurso, como os artistas portugueses que com ele conviveram em Paris.

A primeira secção da obra, “Introduções a Santa Rita Pintor”, compõe-se de três ensaios nos quais se exploram as vias de acesso fundamentais ao complexo conjunto da vida e da obra de Guilherme.

O primeiro ensaio, “Santa Rita Pintor na Historiografia da Arte Portuguesa” (Raquel Henriques da Silva), apresenta o essencial das abordagens à personalidade do artista ao longo das décadas, acentuando os contributos de José-Augusto França e de Joaquim Matos Chaves e os grandes eixos estruturantes dessa recepção, entre a sugestão de que se tratava de um artista quase desprovido de obra capaz de suscitar alguma desconfiança quanto à atribuição de algumas das suas composições, como o

magnífico *Cabeça*, que serve de imponente ilustração da contracapa do livro, e o mais recente esforço de aprofundamento e de dignificação de Santa Rita, desde *Ecos Expressionistas na Pintura Portuguesa Entre-guerras (1914-1940)*.

O segundo texto, “Passageiro Clandestino – A percepção exótica de Santa Rita Pintor nos anos 10 e 20, e uma singularidade madrileña”, aprofunda algumas das recentes publicações de João Macdonald, nomeadamente no jornal *Expresso*, apresentando com rigor os ecos internacionais das primeiras manifestações dos modernistas portugueses. Este panorama permite sinalizar algumas menções inesperadas a Santa Rita em periódicos brasileiros e espanhóis da época, dando conta dos processos de produção e difusão de uma imagem de grande contraste entre os artistas portugueses, sobretudo nos seus actos mais provocatórios, e o meio português que se propuseram agitar, cujo alcance é notório tanto no modo como alguns jornalistas portugueses segregaram uma determinada percepção dos acontecimentos para o público brasileiro, reduzindo os pioneiros portugueses a um âmbito entre a loucura colectiva e a *blague* inconsequente, como no testemunho exemplar de Gómez de la Serna, configurador da aura de genialidade incompreendida tão cara a estes autores. Também a menção à passagem de António Ferro pelo Brasil ajuda a acrescentar alguns dados a um aspecto que, a meu ver, é dos mais tragicamente relevantes no percurso dos Modernismos português e brasileiro: único nome que se sabe ter estado em diálogo próximo com os grandes nomes de um lado e do outro do Atlântico, a par de Ronald de Carvalho, a incapacidade de Ferro para transmitir uma imagem completa e abrangente do panorama português junto dos brasileiros pode ter impedido um mais efectivo diálogo entre autores como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Mário de Andrade ou Oswald de Andrade.

“O Grande Iniciador”, de Fernando Cabral Martins, conclui esta primeira secção com uma leitura de algumas passagens célebres das cartas de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa nas quais, além da intenção do autor de *Dispersão* em dar a ver a Pessoa um esboço bastante completo das ambiguidades da fulgurante expressão de Santa Rita nos primeiros anos da década de 10, em pleno coração da revolução vanguardista que terá conhecido melhor do que qualquer dos seus companheiros de *Orpheu*, fica evidente um outro aspecto nem sempre lembrado e que Cabral Martins salienta: Santa Rita Pintor não foi apenas uma espécie de caricatura discursiva produzida por Sá-Carneiro nestas cartas e prolongada em *A Confissão de Lúcio*, mas também e sobretudo um dinamizador de alguns dos avanços criadores de Sá-Carneiro e um colaborador sempre presente nas diversas fases do devir do momento de *Orpheu*, colaborando na revista, sendo mencionado num dos poemas-chave de Álvaro de Campos, aquele em que o heterónimo adquire a plena espessura distintiva de autor que depois se prolongaria aos demais, constituindo uma espécie de imagem ideal de futurista em “Manucure” de Sá-Carneiro ou lutando pelo futuro de *Orpheu*, primeiro propondo-se financiar o projecto para lhe

dar continuidade e depois estando presente como poucos na sua expansão vanguardista plena. Atendendo ao que comecei por referir neste texto, o facto de Cabral Martins apontar Santa Rita como um elo fundamental entre o decadentismo *fin-de-siècle* e o contexto abjeccionista é, por si só, um acrescento precioso a um estudo do lugar amplo de Santa Rita na cultura portuguesa do século XX.

A segunda secção do livro, “Santa Rita Pintor na Academia”, dedica-se a explorar um outro aspecto singular do artista, o facto de ter sido o único nome ligado ao *Orpheu* com um percurso académico tão completo e consequente, algo que só vem acentuar a extensão crítica da sua transfiguração a partir de 1912. Sofia Marçal, no ensaio “O Jovem Santa Rita enquanto aluno de Belas-Artes”, apresenta uma análise detalhada do percurso académico do pintor, dando conta das suas classificações e dos avanços por vezes perturbados, mas bem-sucedidos que o conduziram ao acesso à bolsa que o conduziria ao almejado contexto fértil de Paris. Luís Lyster Franco aprofunda, no texto “Santa Rita Pintor. Aspectos Visuais da sua obra”, algumas das análises dos resultados conhecidos do percurso académico de Santa Rita, conservados nos arquivos da Faculdade de Belas Artes, que Sofia Marçal também menciona e comenta. O texto apresenta de modo bastante claro e competente os diversos momentos de desenvolvimento e metamorfose de uma personalidade inegavelmente talentosa e que parece caracterizar-se por três componentes que, a meu ver, devem ser pensadas não apenas para o caso de Santa Rita mas para a produção do espírito individual e colectivo dos nomes associados ao *Orpheu*: o amplo conhecimento directo de escolas e de técnicas tradicionais e inovadoras; o desejo de actualização permanente e de recriação em Portugal de paradigmas contemporâneos; finalmente, a intenção de produzir um discurso metacrítico relativo a todo esse diverso manancial de soluções que se concretiza através da síntese entre correntes igualmente produtivas e a cuja rivalidade assistiu, como o Futurismo e o Cubismo.

É a esse contexto de grande agitação criativa vivida em Paris que Carlos Silveira dedica o seu contributo, “Santa Rita estudante de arte em Paris: a ruptura com a Academia”, explorando os meandros, difíceis de documentar adequadamente e com os dados disponíveis, que conduziram à ruptura entre Santa Rita e a Academia portuguesa, com o processo polémico do cancelamento da sua bolsa de estudo pelo meio, episódio que, segundo quase todas as opiniões expostas no livro, antecipa em grande medida o alcance social e político que deve também ser convocado para qualquer abordagem ao contexto do *Orpheu*. A segunda secção do livro integra também uma abordagem de Ana Baião ao estado de conservação de *Sansão e Dalila*, um dos trabalhos desenvolvidos por Santa Rita nos anos em que frequentou a Escola de Belas Artes.

A terceira secção da obra, “Santa Rita Pintor e o Futurismo”, demarca aquela que será provavelmente a mais relevante etapa no breve percurso existencial do pintor. Luís de Barreiros Tavares apresenta uma complexa e muito sugestiva análise

de uma das obras menos comentadas de Santa Rita, *Abstracção Congénita Intuitiva (Matéria-Força)*, publicada em *Portugal Futurista*. Trata-se de uma exploração bastante pessoal de alguns elementos da composição que, tal como o seu autor, muito devem a um intencional jogo perceptivo que convida à indefinição e à participação do olhar do espectador na decifração dos sentidos ocultos da obra. Tavares concentra-se na associação entre alguns traços sugeridos pela análise das obras sobreviventes e o modo como esses aspectos parecem prolongar a personalidade do autor, exprimindo o carácter performativo e clownesco de toda a sua actividade.

Marta Soares, no texto “Cabeças, Afias e Radiografias. À Volta dos *Hors-Textes* de Santa Rita”, dá outros alcances a um aspecto apresentado na secção anterior, o impacto de alguns dos nomes fundamentais do Futurismo e do Cubismo. Marta Soares procura em Marjorie Perloff a base para duas diferentes noções de “Futurismo”, uma mais circunscrita ao movimento derivado dos manifestos de Marinetti e outra mais abrangente, conjugando as grandes correntes da época e mesmo as que em Portugal se desenvolveram em diálogo com as vanguardas europeias. De algum modo, esta dualidade é afim da proposta de Cabral Martins, quando refere o Surrealismo estrito e o *ethos* surrealista mais abrangente, estando em plena sintonia com o tipo de relação que Santa Rita, e ainda mais um Amadeo ou um Fernando Pessoa, mantiveram com o panorama vasto da cultura europeia da época. Ao mesmo tempo, Marta Soares refere uma outra forma de se pensar a presença de aspectos ligados ao contexto da técnica no quadro da produção dos modernistas: a introdução da radiografia como um traço peculiar ao serviço de novas formas de compreensão do ser humano e de exploração da sua natureza fluída.

O excelente ensaio de João Mendes Rosa, “Obra e Autor: As Existências Concomitantes em Santa Rita Pintor”, prolonga com grande acerto as considerações desenvolvidas por Luís de Barreiros Tavares e por Marta Soares, propondo uma nova perspectiva do problema maior da hermenêutica de Santa Rita: o quase apagamento da sua obra em virtude de uma decisão pessoal do artista, que, contudo, foge às diversas modalidades de destruição de obras de arte, incluindo aquela que mais naturalmente se associa ao próprio autor: o afastamento deste relativamente a determinadas obras ou etapas do seu percurso e a consequente vontade de as destruir ou retirar do cânone pessoal, por vezes em função de um excesso autocrítico, como o de Virgílio relativamente à *Eneida*. Santa Rita não parece ter deixado de se rever na sua obra e, considera João Mendes Rosa, define-se muito mais como um pioneiro problematizador de questões como o entendimento do ciclo parabólico da obra de arte (aparecendo a criação artística como um elemento constitutivo da vida do seu autor, com desenvolvimentos orgânicos afins aos de qualquer ser vivo e que deverão ser valorizados também pela possibilidade do seu

desaparecimento e pelo que deles permanece enquanto testemunho e memória) ou aquilo que Fernando Rosa Dias designará, adiante, como “*ekphrasis* performativa”.

Este aspecto, relacionado com o anterior, na medida em que a narrativa de obras que nunca existiram a não ser na concepção do seu autor e na verbalização do conceito e dos traços composicionais sem suporte concreto integra cada gesto do artista num mesmo contexto de criação de fronteiras fluídas, é outra das grandes conclusões resultantes do livro e que merecerá ser explorada em função de vários outros episódios do contexto do *Orpheu*, das conferências apresentadas nas páginas do segundo número da revista de 1915 aos muitos esboços de textos e de livros descritos por Mário de Sá-Carneiro nas cartas dirigidas a Fernando Pessoa e ao infinito manancial de projectos pessoanos conservados no seu espólio, alguns dos quais apresentados a vários interlocutores sem que se conheça a qualquer traço efectivo de terem sido escritos. Um exemplo interessante, e que Santa Rita aplaudiria, encontra-se na “Tábua Bibliográfica” de 1928, na qual Pessoa sugere a hipótese de vir a dar a público horóscopos e mesmo fotografias dos seus heterónimos.

A terceira secção da obra conclui-se com um extenso trabalho de Fernando Rosa Dias, no qual se apresenta com grande pormenor o percurso que esteve na origem da *I Conferência Futurista* no Teatro da República (14 de Abril de 1917). Rosa Dias recorre a toda a documentação de que dispomos para dar conta da singularidade do encontro de Almada Negreiros e Santa Rita e dos diferentes papéis dos dois autores no decorrer da sessão, um corporizando as proclamações futuristas de ambos e o outro assinalando a vocação de maestro desconcertante e provocador a meio caminho entre o palco e o público que procurava convocar para a dinâmica intervenção proposta. Apresenta também um vasto retrato de cada um dos nomes que se sabe terem estado presentes na sessão, destacando um caso que merecerá quem sabe leituras contemporâneas, como a presença singular de Fernanda Vale, a um tempo representante da exuberância sexual feminina e do rasto colonial na sociedade portuguesa da época. Servido, como todo o conjunto exposto no volume, por uma relevante contribuição iconográfica, este texto antecipa o fresco com que Rosa Dias conclui o volume, na completa e actualizada sinopse biográfica que constitui a quinta secção do livro. É nesse trabalho que encontramos a reprodução de fotografias, correspondência e obras de arte da autoria de Santa Rita, algo que só por si justificaria a pertinência do livro. Contam-se neste conjunto peças tão curiosas como as obras de Santa-Rita anteriores à sua dedicação absoluta à causa modernista, como *Fauno do Cabrito* (1908), *O Monstro Quasimodo ou Louco* (1908), *Oedipo e Antigone* (1910) ou a polémica reprodução da *Olympia* de Manet (1910), reproduções dos documentos enviados de Paris enquanto bolseiro, alguns dos ecos da polémica que levou ao cancelamento da sua bolsa na imprensa francesa (1911), reproduções de qualidade dos *hors-textes* do *Orpheu* 2 (1915) e das singulares pinturas escolhidas

para *Portugal Futurista* (1917) ou alguns exemplos do recurso à imagem do pintor por parte dos seus críticos na época.

Entre esses dois contributos de Rosa Dias, espaço ainda para um muito interessante conjunto de testemunhos de descendentes da família de Santa Rita, através dos quais se ficam a conhecer pormenorizadamente os pais e cada um dos irmãos do artista e se compilam algumas das mais notáveis peças do anedotário associado à exuberância da personagem vivida por Guilherme, com paralelo apenas em figuras como Bocage, Gomes Leal ou Luiz Pacheco. Destaca-se do conjunto a análise de Guilherme Floro de Santa Rita, neto de Augusto de Santa-Rita, ao quadro mais relevante do pintor, *Cabeça Cubo-futurista*, no qual se notariam, entre outras coisas, os traços inequívocos de um retrato cubo-futurista de Augusto, algo que constitui verdadeira lenda do património familiar. Outro elemento bastante singular é o texto “O Regresso do *Orpheu*. Lisboa (Santa Rita Pintor)”, da autoria de José Leite, que, começando por expor alguns traços distintivos entre a sua personalidade e a de Santa Rita, se desenvolve de acordo com alguns processos recorrentes da poética vanguardista portuguesa do tempo de *Orpheu*, lembrando, por exemplo, um dos mais relevantes textos de Almada Negreiros, *Saltimbancos*.

Além de todos os motivos de interesse que o livro tem enquanto um importante repositório de objectos de e sobre Santa-Rita Pintor e sobretudo enquanto digno gesto de homenagem e de síntese crítica dos grandes ângulos de observação que marcam a agenda da recepção do artista, este livro convoca-nos para um outro plano, o da expansão crescente dos vasos comunicantes entre os artistas de vários registos que nas décadas de 10 e de 20 ajudaram a transformar o panorama cultural português. Com efeito, os contributos reunidos ajudam a despertar a curiosidade do investigador para uma necessidade crescente: a de se situarem os pontos de vista no quadro de um olhar panorâmico, atento aos vários nomes parcialmente ignorados, mas que são fundamentais para um retrato de família adequado, e sobretudo assente numa observação mais ampla das exigências colocadas por uma época fascinante e dinâmica, cujas fracturas e transfigurações anunciam em parte, em espelho móvel, muito do ambiente saturado que nos encontramos a viver actualmente.

RUI SOUSA concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino na obra de Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia 1915 – O Ano do Orpheu, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da Pessoa Plural e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Prepara um projecto de investigação relacionado com as interações entre a literatura, a filosofia e a política no contexto do Modernismo e do Surrealismo em Portugal, procurando explorar mais aprofundadamente o papel da mitologia na intervenção política dos grupos literários e a forte presença dos processos de hibridismo e de sincretismo numa progressiva reflexão sobre a cultura como realidade plural e globalizada.

RUI SOUSA earned a degree in Portuguese Studies and obtained a Master's degree in Romance Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon. He recently obtained his doctorate with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in the work of Luiz Pacheco. He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in the anthology 1915—The Year of Orpheu (2015) coordinated by Steffen Dix and has published studies on Pessoa in Pessoa Plural and in projects coordinated by Estranhar Pessoa and by Casa Fernando Pessoa. In 2016 he published the book *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. He is a researcher at the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon (CLEPUL). He is working on a research project on the interactions between literature, philosophy and politics with respect to Modernism and Surrealism in Portugal, seeking to explore the role of mythology in the political intervention of literary groups and the strong presence of hybrid processes and syncretism in the progressive reflection on culture as a plural and globalized reality.